

# A URBANIZAÇÃO NO MUNDO E NO BRASIL SOB UM ENFOQUE GEOGRÁFICO

José Daniel Vieira<sup>1</sup>

Raphael Luiz Macêdo Fontana<sup>2</sup>

Rita de Cássia Amorim Barroso<sup>3</sup>

Auro de Jesus Rodrigues<sup>4</sup>

José Adailton Barroso da Silva<sup>5</sup>

Geografia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

O mundo moderno foi marcado pelo acelerado crescimento das cidades e pela sua abrangência, agora, mundial. As transformações que o capitalismo promoveu em diversas sociedades nacionais contribuíram para que este processo se desenvolvesse em diversas nações, mesmo naquelas onde a industrialização não foi representativa, isto é, em diversas áreas do mundo subdesenvolvido. Assim sendo, o presente trabalho consiste num estudo sobre a urbanização no mundo e no Brasil sob um enfoque geográfico. Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT). A Geografia, enquanto ciência do espaço social, é uma área de conhecimento que, também, se preocupa com os fenômenos urbanos, a produção e reprodução desses espaços.

## PALAVRAS-CHAVE

Geografia. Urbanização. Mundo. Brasil.

## ABSTRACT

The modern world was marked by accelerated growth of cities and their scope now world-wide. The transformations that capitalism promoted in several national societies contributed to this process is developed in different countries, even in those where industrialization was not representative, that is, in many areas of the underdeveloped world. Therefore, the present work is a study of urbanization in the world and in Brazil under a geographic focus. Developed through a literature search by members of the State research group Capital and Urban Development (UNIT). Geography as a science of social space is an area of expertise that also cares about urban phenomena, the production and reproduction of these spaces.

## KEYWORDS

Geography. Urbanization. World. Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as cidades têm representado uma grande conquista do homem moderno. Hoje em dia são elas que dirigem e organizam o mundo, pois se concentram nas mesmas os grandes centros de decisões político-econômicas e científico-tecnológicas.

É importante enfatizar que as sociedades na atualidade apresentam um panorama direcionado ao processo de urbanização. Todavia, apesar dos avanços tecnológicos e científicos, a qualidade de vida das populações urbanas ainda não é satisfatória, pois existem as disparidades socioeconômicas que aumentam cada vez mais nos espaços urbanos.

Assim, é necessário um maior aprofundamento dos estudos sobre a questão da urbanização. A Geografia como ciência do espaço social, é uma área de conhecimento que, também se preocupa com os fenômenos urbanos. São temas que preocupam a Geografia: a origem das cidades e os seus diversos momentos histórico-espaciais; a produção e reprodução das cidades contemporâneas; as redes, hierarquia e funções urbanas; o planejamento urbano; a urbanização e a população no Mundo e no Brasil.

O presente trabalho consiste num estudo sobre a urbanização no mundo e no Brasil sob um enfoque geográfico. Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT).

## 2 O URBANO

De modo geral, pode-se dizer que "a urbanização é um processo caracterizado pelo aumento da população urbana devido à migração de pessoas que

saem do campo em direção à cidade” (LUCCI et al., 2005, p. 434). A ideia de urbanização está intimamente associada à concentração de muitas pessoas em um espaço restrito (a cidade) e na substituição das atividades primárias (agropecuária) por atividades secundárias (indústrias) e terciárias (serviços). Entretanto, por se tratar de um processo, costuma-se conceituar a urbanização como sendo “o aumento da população urbana em relação à população rural”, e nesse sentido só ocorre urbanização quando o percentual de aumento da população urbana é superior a da população rural.

Embora o aumento populacional demográfico seja relevante para caracterizar a urbanização, “ela decorre de mudanças econômicas, impulsionadas por avanços tecnológicos, científicos e administrativos, e as transformações sociais, que envolvem visão de mundo, hábitos e consumo e a formação de uma identidade cultural” (LUCCI et al., 2005, p. 434).

Urbanização é um fenômeno relacionado ao processo de desenvolvimento da esfera urbana em determinadas sociedades, em oposição ao desenvolvimento da esfera rural. Está historicamente ligada à evolução do capitalismo, especialmente em sua fase industrial. A urbanização é estudada por ciências diversas, como a sociologia, a geografia e a antropologia, cada uma delas propondo abordagens diferentes sobre o problema do crescimento das cidades.

### **3 A CIDADE NA PRÉ-HISTÓRIA**

O surgimento das cidades ocorreu no fim da pré-história, já que no início a sociedade primitiva não desenvolveu a cidade, pois o homem era nômade. No Paleolítico os pequenos grupos humanos nômades viviam da caça, pesca e coleta de alimentos e por um artesanato rudimentar com fabricação de instrumentos de pedra lascada e ossos. Viviam constantemente se deslocando em busca de alimentos e na dependência da natureza.

No Período Neolítico, o homem passou a cultivar o solo, a domesticar os animais, a polir a pedra, a fabricar objetos de cerâmica e a viver em aldeias. Com a agricultura, surgem os primeiros aldeamentos fixos e a terra da aldeia se tornou de uso comum e era lavrada coletivamente. Durante esse período o homem passa ao processo de sedentarização, isto é, deixa de ser coletor nômade e passa a ser um homem sedentário e agricultor. Também, com a agricultura e o aldeamento, a população começa a crescer em números de indivíduos.

Por volta de 6000 a.C., principalmente nos vales dos grandes rios como o Nilo, o Tigre, o Eufrates, o Indo e o Ganges, os homens tiveram necessidade de se organizar melhor, a fim de obter uma maior produtividade agrícola. Desenvolveram técnicas de irrigação, inventou o arado e a roda e aprendeu a utilizar a

força dos bois (tração animal) e iniciaram a fabricação de ferramentas de bronze, obtido da liga do cobre com o estanho. Inicia-se, assim, a Idade dos Metais.

No final da Idade dos Metais, desenvolve-se o comércio e ocorre o crescimento das cidades. A maioria dessas cidades se originou de aldeias situadas às margens dos grandes rios do Oriente: rio Nilo (África, especialmente no Egito), rios Tigres e Eufrates (Mesopotâmia), rio Indo (atual Paquistão), rio Amarelo e Azul (China).

Com o crescimento das cidades surgiram diversas profissões: ceramistas, tecelões, pedreiro, administradores etc. Nesse sentido, o trabalho era dividido por profissões. Também, surgiram os primeiros reis, os primeiros Estados, as primeiras classes sociais e os primeiros grandes impérios. Por volta de 3.000 a.C., surge a escrita, determinando o fim da Pré-história e o começo da história.

#### **4 A CIDADE NA ANTIGUIDADE**

As primeiras cidades foram construídas cerca de 3500 a.C. na Mesopotâmia (Ur, Uruk e Lagash), região dos vales dos rios Tigre e Eufrates (atual Iraque). Outras cidades surgiram próximas a essa época, quase sempre associadas a grandes rios, que proporcionavam terras férteis e irrigação, garantindo a produção necessária de alimentos para abastecê-las: Mênfis e Tebas, no vale rio Nilo (Egito), por volta de 3100 a.C.; Mohenjo-Daro e Harappa, no vale do rio Indo (atual Paquistão), em 2500 a.C.; Cheng-chou e Anyang, no vale do rio Amarelo (China), 1500 a.C., entre outras.

Essas cidades surgiram em regiões de clima semi-árido, daí a necessidade de se fixarem perto dos rios, aproveitando as planícies inundáveis, rica em húmus e propícias ao desenvolvimento da agricultura (SPOSITO, 1988).

Por volta de 500 a.C., cidades foram erguidas, também, no mundo que mais tarde viria a ser designado como continente americano. Essas cidades surgiram independentes da urbanização que se desencadeou a partir da Mesopotâmia. O melhor exemplo é Teotihuacán (posteriormente Tenochtitlán, capital do Império Asteca, hoje Cidade do México), com uma população de cem mil habitantes e Tical, cidade maia na Guatemala, teve três mil construções (SPOSITO, 1988).

Fatores religiosos, sociais, econômicos e políticos foram determinantes na formação da cidade na Antiguidade. Inicialmente ela era o centro da administração pública e da religião, não se caracterizando como centro comercial e econômico. “Mesmo assim, as trocas de mercadorias foram intensificadas, no espaço urbano, pelo fato de este concentrar pessoas e centralizar e armazenar o excedente econômico produzido no campo” (LUCCI et al., 2005, p. 432).

Foi na cidade que se desenvolveu o comércio e o artesanato. Particularmente, esse espaço passou a ser o lugar do poder. A história tem mostrado que a elite dirigente de uma sociedade mais complexa vive na cidade, pois é nela que se localiza todo o aparato de manutenção do poder sobre os territórios conquistados e os povos submetidos.

Na Antiguidade, o melhor exemplo é Roma. Aliás, o próprio termo **capital** é derivado do latim *caput*, que significa “**cabeça**”. De fato, Roma foi a “cabeça” do Império Romano e comandava um vasto território. Pelo fato de concentrar um enorme poderio econômico, político e militar, essa cidade controlava muitos lugares na Europa, na África Setentrional e na Ásia Ocidental, ligados a ela por estradas e pelo mar.

Na Antiguidade predominou o Modo de Produção Escravista, principalmente na Grécia e em Roma.

A partir do século V d.C., com a queda do Império Romano, a urbanização entrou em crise e as cidades foram gradativamente perdendo importância, conforme o Modo de Produção Feudal se implantava, desarticulando o Modo de Produção Escravista.

## 5 A CIDADE NA IDADE MÉDIA

A Idade Média foi considerada o período da história europeia que se estendeu do Século V até o Século XV e coincidiu, em linhas gerais, com o período de ascensão e queda do feudalismo, um sistema de produção que tendia à autossuficiência. Os feudos produziam praticamente todos os alimentos de que necessitavam, por intermédio da agricultura e da criação de animais, e em seu interior passou a se desenvolver um artesanato rudimentar. Com isso, o comércio reduziu-se significativamente e a cidade perdeu importância econômica, pois deixou de ser o centro de trocas e de produção artesanal.

Assim, “o novo sistema pôs em cheque, destruindo praticamente os fluxos comerciais com que as grandes *vias*, as estradas da época, fossem abandonadas e se deteriorassem. Com ele, o campo passou a ter maior importância do que a cidade” (ANDRADE, 1998, p. 298).

Politicamente, o feudalismo caracterizou-se por uma forte descentralização territorial de poder. A Europa Ocidental estava, nesse período, fragmentada em uma infinidade de feudos. Os territórios sob o domínio dos senhores feudais eram pequenos se comparado ao dos antigos impérios da Antiguidade. No interior do feudo, porém, o poder era centralizado, exercido unicamente pelo senhor feudal, dono das terras e dos meios de produção.

As cidades, que perderam as funções políticas e comerciais, perderam também sua função cultural, que foi praticamente monopolizada pela Igreja. Todo o conheci-

mento técnico e científico, assim como toda a produção literária e artística acumulada e registrada nos séculos anteriores, acabou arquivado nas bibliotecas dos conventos e mosteiros das muitas ordens religiosas.

Todavia, é necessário ressaltar que na porção leste do Império Romano, anteriormente chamado de Império Romanos do Oriente, as cidades maiores continuaram a ter múltiplos papéis e conseguiram sobreviver. Bizâncio (depois chamada de Constantinopla, e atualmente Istambul, na Turquia) e Alexandria (Egito) são exemplos da força do Império Bizantino (SPOSITO, 1988).

Segundo Andrade (1987), nos fins da Idade Média, o comércio alcançaria maior desenvolvimento; os burgueses que viviam nas cidades e faziam oposição aos senhores feudais passaram a ter influência política junto aos reis absolutos. O aumento de influência da burguesia permitiria o crescimento das cidades com funções comerciais, daria maior importância ao dinheiro, em relação à propriedade da terra, e desagregaria a vida feudal, fazendo com que os camponeses libertos passassem à condição de assalariados, na indústria manufatureira nascente. A busca de riqueza e a intensificação do intercâmbio entre o Ocidente e o Oriente provocaram o desenvolvimento cultural e a difusão de instrumentos que teriam grande importância nas transformações econômicas e sociais que seriam feitas nos séculos: XV, XVI e XVII, nos chamados Tempos Modernos.

## 6 A CIDADE NA IDADE MODERNA

No final da Idade Média, século XV, ocorreu uma ruptura com as características de subsistência que apresentava o feudalismo. O aumento do comércio possibilitou o desenvolvimento das cidades medievais.

Aos poucos, o desenvolvimento do comércio e das cidades foi tornando a burguesia (comerciantes), a classe mais rica e poderosa, passando a disputar interesses com a nobreza feudal. A presença de mais moeda circulante e a acumulação dos lucros do grande comércio geraram o capitalismo comercial. Surgiram grandes bancos que financiavam, juntamente com os burgueses, às Monarquias Nacionais da Europa. Dar-se, assim, a formação dos Estados Nacionais e seu fortalecimento, ainda mais com a formação de Impérios Coloniais Ultramarinos.

Para a burguesia, este Estado com poder centralizado era de fundamental importância, pois além de possibilitar a padronização monetária, a formação de exércitos nacionais e a criação de leis a favor de seus interesses, representaria um importante empreendimento econômico, especialmente na conquista militar de outros mercados – no processo de expansão do comércio e no domínio das colônias. Já para os soberanos, era importante estar ao lado da burguesia, pois esta representava a iniciativa privada para o comércio, que ampliado, proporcionaria uma maior arrecadação de impostos e o conseqüente fortalecimento do poder real.

A expansão comercial, do final da Idade Média, exigia metais preciosos, sobretudo ouro e prata. A descoberta de minas de ouro e de prata, na Europa central e na América, foi decisiva para o desenvolvimento comercial. O capitalismo comercial aproveitou a expansão ultramarina e trouxe para a Europa novos produtos e oportunidades de investimento na produção de mercadorias.

Lentamente, foram surgindo rotas de comércio por toda a Europa, merecendo destaque as rotas do sul que eram organizadas pelas cidades italianas de Gênova, Veneza e Florença e as rotas do norte que se desenvolviam na região de Flandres. Nos cruzamentos dessas grandes rotas comerciais surgiram as feiras, grandes mercados abertos e periódicos, para onde se dirigiam comerciantes de várias partes do continente.

Também, a intensificação do comércio provocou o crescimento das cidades portuárias, como Lisboa, Cádiz, Londres, Antuérpia, Amsterdã etc., que passaram a ter grande aumento populacional e grande importância econômica.

Na metade do séc. XVIII, a Revolução Industrial que ocorreu inicialmente na Inglaterra, no século XIX, se estendeu, também, para outros países: Bélgica, França, Alemanha, Itália, Rússia, Estados Unidos e Japão.

No século XVIII a Revolução Industrial foi impulsionada, com a invenção da máquina a vapor e de outros equipamentos industriais. Este período perdurou até o final do século XIX nos atuais países desenvolvidos. Inúmeras cidades européias e americanas mudaram drasticamente por causa da Revolução Industrial, tornando-se grandes centros industriais.

Ainda, cidades localizadas em países em desenvolvimento – localizadas na Ásia, América Latina e África – começaram a industrializar-se a partir do final do século XIX. Algumas destas cidades tornaram-se grandes centros industriais, tais como: São Paulo (Brasil), Buenos Aires (Argentina), Cidade do México (México).

A Revolução Industrial tornou a cidade, que antes era principalmente centro de comércio e de serviços, um centro de produção que beneficiava a matéria-prima vinda do campo, aumentando a dependência do campo em relação a cidade e possibilitou que os seus habitantes tivessem maior acesso à riqueza que os do campo. Também o grande crescimento urbano, acentuou a estratificação espacial do uso do solo – separação entre bairros habitados por pessoas de classes diferentes – e o aumento da poluição (ANDRADE, 1998).

A partir do século XX, as cidades passaram por novos processos de transformações, principalmente relacionados ao planejamento urbano.

## 7 A CIDADE NA IDADE CONTEMPORÂNEA

O século XX foi marcado pelo acelerado crescimento das cidades e pela sua abrangência, agora mundial. De fato, as transformações que o capitalismo promoveu em diversas sociedades nacionais contribuíram para que este processo se desencadeasse em diversas nações, mesmo naquelas onde a industrialização não foi representativa, isto é, em diversas áreas do mundo subdesenvolvido. Outra característica se refere ao processo de metropolização. De fato, as metrópoles encontram-se generalizadas, embora sua presença seja mais marcante nos EUA, Japão, China, Europa Ocidental e América Latina.

No século XX a urbanização vai se caracterizar por quatro tendências básicas (OLIVA; GIANANTE, 1995, p. 112):

- aceleração acentuada no ritmo de crescimento das cidades;
- distribuição do fenômeno urbano por todos os continentes;
- desenvolvimento das metrópoles modernas;
- expansão da urbanização para além dos limites territoriais das cidades.

Apesar do processo de urbanização ter se iniciado com a Revolução Industrial, foi até meados do século XX um fenômeno relativamente lento e circunscrito há algumas regiões do mundo. Mas, após a Segunda Guerra Mundial, esse fenômeno obteve grande impulso nos países desenvolvidos e iniciados de maneira alarmante em muitos países subdesenvolvidos (na maioria dos países latino-americanos e em muitos países asiáticos). Já o continente africano, ainda, hoje, é pouco urbanizado.

O que se percebe é que todos os países desenvolvidos, bem como alguns países de industrialização recente, apresentam altas taxas de urbanização. Com exceção da China e da Índia, com as maiores populações do planeta e de industrialização recente, todos os países industrializados são urbanizados. Há países que apresentam índices muito baixos de industrialização e outros que praticamente não dispõem de um parque industrial, e mesmo assim, são fortemente urbanizados.

É importante destacar que após a Segunda Guerra Mundial, surgiram na Europa do Leste Estados socialistas. Seus regimes socioeconômicos optaram por manter um grande contingente populacional no campo. Mas, no final do Século XX o mundo socialista entrou em crise.

Esses países que tinham um baixo grau de urbanização estão sofrendo, a partir de agora, mudanças com a implementação de elementos da economia capitalista. Encontram-se, atualmente, em ritmo acelerado de urbanização (OLIVA; GIANANTE, 1995).



Atualmente, a internacionalização do capital vem se realizando com as multinacionais, e a articulação entre os lugares (da produção e do consumo) não apenas ao nível regional ou nacional, mas agora transnacional. Ao se exportar o capital (dinheiro e tecnologia) do “centro” (países desenvolvidos) para a “periferia” (países subdesenvolvidos), promove novas etapas no processo de industrialização.

Assim, é possível realizar, na “periferia”, uma produção do mesmo tipo que a do “centro”, promovendo a integração de diferentes territórios em diferentes continentes numa economia globalizada. Esse processo cria no espaço geográfico, atual, processo de acumulação do capital de forma desigual e combinada. Cria espaços geográficos desiguais. Tal fato pode ser visto atualmente, com cidades em níveis diferenciados de desenvolvimentos. Também, este processo ocorre entre países, regiões e lugares.

## 8 A URBANIZAÇÃO NO BRASIL

De modo geral, o processo de urbanização no Brasil apresenta características próprias do padrão de urbanização dos países subdesenvolvidos (LUCCI et al., 2005, p. 450):

- foi marcado pela formação de algumas grandes cidades que concentraram parcela expressiva das riquezas, embora a partir dos anos 1990 essa tendência tenha se modificado;
- é uma “urbanização terciária”, com crescimento de atividades terciárias qualitativamente pouco especializadas e de baixo valor agregado, inclusive as que fazem parte da economia formal;
- ocorreu em ritmo acelerado, frequentemente sem planejamento (um dos mais rápidos processos de urbanização do mundo), com intenso êxodo rural, entre os anos 1950 e 1990;
- apresenta padrão periférico de crescimento, com a formação de amplas manchas urbanas e a população de baixa renda sendo empurrada para áreas distantes do centro.

A urbanização brasileira ocorreu, inicialmente, em áreas isoladas, como verdadeiras ilhas, tomando-se generalizada somente a partir do século XX. Pode-se dizer que Salvador comandou a primeira rede urbana do país, mantendo sua primazia até meados do século XVIII, quando a capital da colônia se transfere para a cidade do Rio de Janeiro.

A partir do século XIX, o Brasil assiste ao crescimento do fenômeno de urbanização do território. São Paulo, líder na produção cafeeira, inicia a formação de uma rede de cidades, envolvendo os estados do Rio Janeiro e de Minas Gerais.

Mas, somente, no século XX, quando ocorre a unificação dos meios de transporte e comunicação, que as condições se tornam propícias para uma verdadeira integração do território.

A partir da década de 1970, ocorre a difusão generalizada das modernizações, tanto no campo como na cidade. A construção e expansão de estradas de rodagem e a criação de um moderno sistema de telecomunicações possibilitaram maior fluidez no território, além de permitir a unificação do mercado em escala nacional. Cresce o consumo de bens materiais e imateriais, como educação e saúde, transformando as funções urbanas. A rede urbana torna-se mais complexa, pois tanto o campo como a cidade respondem às novas condições de realização da economia contemporânea.

A partir dos anos 1990, novas tendências no processo de urbanização brasileiro vêm se delineando (LUCCI et al., 2005, p. 451):

- diminuição na intensidade do êxodo rural;
- maior fluxo em de pessoas entre a cidade e o campo, com muitos trabalhadores e proprietários rurais vivendo em cidades e ampliação na quantidade de chácaras para lazer rural frequentadas por pessoas do espaço urbano (em decorrência disso, aumenta o número de trabalhadores rurais que se dedicam a atividade não-agrícola);
- alteração no ritmo de crescimento das cidades, uma vez que as médias – entre 100 e 500 mil habitantes – são as que apresentam maior crescimento (4,8%, em média, nos anos 1990), enquanto aquelas com mais de 1 milhão de habitantes cresceram, em média, 0,9%.

No Brasil, as bases da industrialização foram lançadas na década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, e a consolidação do processo deu-se nas décadas de 1950 e 1960. Dessa forma, desencadeou-se um quadro de modernização de toda a economia, que elevou as cidades à posição central na vida brasileira e provocou o êxodo da população do campo para a cidade.

Somente depois da “segunda metade do século XX, o Brasil tornou-se um país urbano, isto é, mais de 50% de sua população passou a residir nas cidades. Outro fato marcante é que a partir da década de 1950, o processo de urbanização tornou-se cada vez mais rápido” (ALMEIDA; RIGOLIN, 2002, p. 451).

A modernização, também, atingiu as atividades agrárias, gerando desemprego e miséria nas zonas rurais, o que levou um grande contingente populacional do campo em direção às cidades. Esse período foi marcado por intensas migrações,

tanto no sentido do campo para as cidades, como, num quadro mais amplo, dos estados e regiões de economia agrária para o Sudeste industrializado.

O processo de modernização da economia brasileira, até os dias de hoje, não levou à superação da pobreza e das desigualdades sociais. A modernização aprofundou as desigualdades já existentes, geradas num passado distante, pois esteve apoiada numa maior concentração de rendas. Apesar da expansão das camadas médias, que apresentam um bom poder aquisitivo e contribuíram para a expansão do mercado consumidor, a diferença de rendimentos entre ricos e pobres é hoje muito maior do que no início da modernização.

O processo de industrialização e urbanização foi o elemento fundamental na integração regional. O Sudeste, liderado pelas áreas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, passa a comandar e ser o coração de uma economia cada vez mais integrada. O desenvolvimento das telecomunicações e a expansão da malha rodoviária possibilitaram um incremento no fluxo de mercadorias, pessoas e serviços, integrando a Amazônia, o Centro-Oeste e as áreas mais pobres do Nordeste, com o Sudeste e o Sul.

Atualmente, no Brasil, cada vez mais vai se formando em todo o território uma hierarquia urbana, uma rede integrada de funções econômicas, políticas e de relações sociais entre as cidades brasileiras.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento das cidades ocorreu no fim da pré-história, já que no início a sociedade primitiva não desenvolveu a cidade, pois o homem era nômade.

Na Antiguidade as primeiras Civilizações do período histórico são as Civilizações agrícolas e mercantis da antiguidade oriental, que incluem, entre outros, os povos mesopotâmicos, os egípcios, os hebreus, os fenícios, os persas, os hindus, os chineses, os gregos e romanos, nessas Civilizações desenvolvem-se as cidades.

Na Idade Média as cidades, que perderam as funções políticas e comerciais, perderam, também, sua função cultural, que foi praticamente monopolizada pela Igreja.

À Idade Moderna ocorre a intensificação do comércio e o desenvolvimento das cidades. Do século XVI ao XIX, várias transformações tinham ocorrido no continente europeu e no mundo, como exemplo, a Revolução Industrial.

A Idade Contemporânea foi marcada pelo acelerado crescimento das cidades e pela sua abrangência, agora mundial.

De modo geral, o processo de urbanização no Brasil apresenta características próprias do padrão de urbanização dos países subdesenvolvidos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia M. Alves; RIGOLIN, Técio Barbosa. **Geografia**. São Paulo: Ática, 2002.

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M. C. **Geografia econômica**. São Paulo: Atlas, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática 2001.

LUCCI, Elian Alabi *et al.* **Território e sociedade**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2005.

MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVA, Jaime; GIAN SANT, Roberto. **Espaço e modernidade**: temas da geografia mundial. São Paulo: Atual, 1995.

SANTOS, Milton. **Manual da geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1989.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.

---

**Data do recebimento:** 13 de abril de 2015

**Data da avaliação:** 16 de julho de 2015

**Data de aceite:** 11 de agosto de 2015

---

1. Graduado em Geografia pela Universidade Tiradentes (2014); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT) – Sergipe. E-mail: danielvieirasst@hotmail.com
2. Graduado em Geografia pela Universidade Tiradentes (2014); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT) – Sergipe. E-mail: rluizmf@hotmail.com
3. Doutoranda em Educação pela PUC/RS/UNIT/SE; Docente da Universidade Tiradentes e Secretária de Estado da Educação de Sergipe; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT) – Sergipe. E-mail: ritadte@gmail.com
4. Doutorando em Geografia pela UFS/SE; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT) – Sergipe. E-mail: rodriguesauo@gmail.com
5. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT) – Sergipe. E-mail: adailtonbarroso@gmail.com